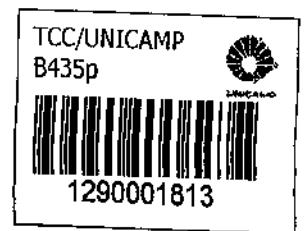


UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS
-2004-

PEDAGOGIA DO ESPORTE: ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O
ACESSO NAS CATEGORIAS DE FORMAÇÃO DO BASQUETEBOL
MASCULINO BRASILEIRO

Leandro de Melo Beneli
Campinas
-2004-



LEANDRO DE MELO BENELI

**PEDAGOGIA DO ESPORTE: ESTUDO INTRODUTÓRIO SOBRE O
ACESSO NAS CATEGORIAS DE FORMAÇÃO DO BASQUETEBOL
MASCULINO BRASILEIRO**

**Monografia apresentada como requisito parcial
para a conclusão do curso de Licenciatura da
Faculdade de Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas, sob orientação do Prof.
Dr. Paulo César Montagner.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
CAMPINAS
-2004-**

Dedico este estudo aos meus pais,
que sem dúvida, foram os
principais responsáveis pela minha
educação e formação.

AGRADECIMENTOS

...primeiramente a Deus;

...aos meus pais, Beneli e Delma, e ao meu irmão Luciano, que me permitiram ter um ótimo ambiente familiar;

...a minha namorada, Daniela, que sempre me apoiou, principalmente nos momentos mais difíceis;

...ao professor Paulo César Montagner, que foi uma das pessoas mais importantes que conheci na faculdade, sua ajuda foi imprescindível na escolha do tema e no desenvolvimento do trabalho, e também pela sua amizade dentro e fora da faculdade;

...ao professor Marcelo Bandiera Sálvio, por tudo que me ensinou sobre o basquetebol, e também por ser de um grande amigo;

...aos meus grandes amigos, Ferro, Chinês, Flávio, Leandro Teixeira, por ter tido a oportunidade de trabalhar, conviver e principalmente aprender com vocês, e por sempre me ajudar nesta passagem da minha vida;

...aos meus amigos com quem convivi durante alguns anos na faculdade, BH e Tulu, e outros;

...a todos funcionários da Sociedade Hípica de Campinas, que de algum modo me ajudaram na construção deste trabalho;

...a todos estudantes da faculdade de Educação Física da UNICAMP, que assim como eu sofreram com a inexperiência em produzir um trabalho científico;

...a todos as pessoas que fizeram parte das equipes basquetebol que participei, aos atletas, aos meus técnicos, alunos, ex-alunos, que contribuíram com experiências, permitindo a produção deste trabalho.

...aos meus grandes amigos, que apesar da distância eu considero como irmãos, Fabiano e Daniel;

A todos vocês, muito obrigado.

SUMÁRIO

Introdução	01
Apresentação	02
Objetivo	03
Justificativa	03
Delimitação do tema	04
Metodologia	04
 Capítulo 1	 06
Fundamentação do Basquetebol no Brasil	06
1.1 Origem e evolução do basquetebol	08
1.2 O Basquetebol no Brasil	10
1.3 Esporte educação e cultura: o papel da escola na dimensão do Esporte	13
 Capítulo 2	 17
A Organização Esportiva Brasileira	18
2.1 O amadorismo e o profissionalismo no basquetebol brasileiro	18
2.2 Os modelos de financiamento esportivo	20
2.3 Contextualização do basquetebol paulista nas categorias de formação	25
 Capítulo 3	 28
As Características do Esporte e o Acesso a Prática da Modalidade	29
3.1 A pedagogia do esporte e a iniciação esportiva	30
3.2 Dificuldades de acesso: esporte x educação	33
 Considerações Finais	 36
Referências	38

RESUMO

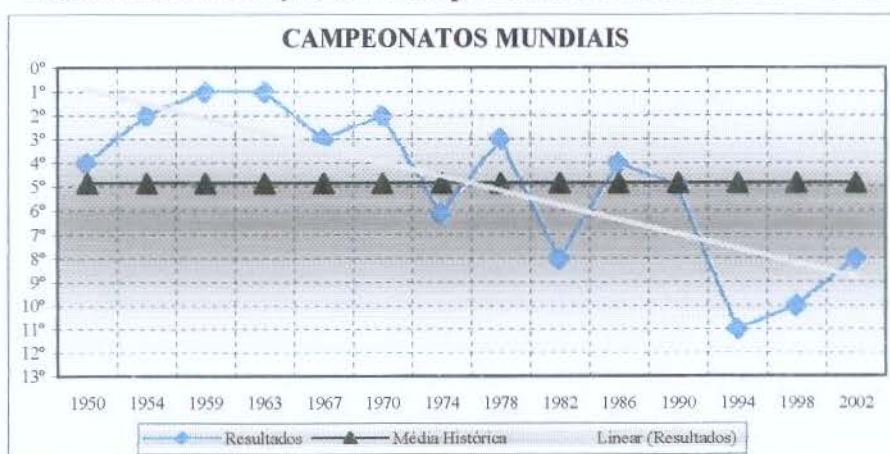
A partir da análise da trajetória de resultados da seleção masculina de basquetebol nos Campeonatos Mundiais e nos Jogos Olímpicos, surgiram várias indagações sobre as causas que influenciaram o processo de desenvolvimento da modalidade no Brasil. Diversos fatores contribuíram para esta tendência, entretanto, focalizaremos nossos esforços nas categorias de base, por esta se constituir no início do processo de formação de possíveis atletas, que poderiam fazer parte das seleções futuras, além de ser também, uma fase de formação integral da educação destes futuros cidadãos. O objetivo deste estudo é discutir as dificuldades sobre a prática do basquetebol masculino nas categorias de formação no Brasil, principalmente, relacionadas ao acesso da modalidade, e apontar possíveis intervenções pedagógicas na busca do melhor desenvolvimento do esporte, do aumento e da continuidade de seus participantes. Com a intenção de compreendermos de forma crítica, analisaremos os enfoques que a literatura nos apresenta, tentando no primeiro momento contextualizar a origem, a fundamentação e o acesso a prática da modalidade, associando o esporte a educação como elementos inseridos na cultura humana, com a finalidade de identificar quem praticava basquetebol, porque praticava e onde praticava. Após essa discussão focalizaremos nossa análise nas questões ligadas à tentativa de profissionalização da modalidade e sua relação restrita com o acesso à prática do basquetebol. Outro fator relacionado a estes aspectos analisados (basquetebol, cultura e educação) é a tentativa da profissionalização do basquetebol, a partir da qual surgem novas necessidades no esporte sendo uma a entrada dos recursos financeiros, que trará grandes conseqüências para a prática do basquetebol.

Palavras chaves: Pedagogia do esporte, acesso, basquetebol.

INTRODUÇÃO

Apresentação - Ao analisarmos os resultados da seleção brasileira masculina de basquetebol, percebemos que a modalidade obteve seus melhores resultados nas décadas de 50 e 60, conseguindo se manter entre as três melhores equipes nos mundiais de 1954 até 1970, além de conseguir três medalhas de bronze nas olimpíadas durante este mesmo período. Porém os anos 70 constituem um ponto de inflexão, uma vez que a seleção iniciou uma suposta tendência decrescente de resultados nestes torneios internacionais. Durante as décadas de 70 e 80 a seleção oscilou em posições intermediárias, apesar de ficar de fora das Olimpíadas, e caiu ainda mais na década de 90 ficando inclusive fora das Olimpíadas de 2000 e atualmente conseguiu apenas a oitava colocação no Mundial de 2002.

Resultados da Seleção nos Campeonatos Mundiais: 1950 – 2002



Resultados da Seleção nos Jogos Olímpicos: 1948 - 2004

A partir da análise da trajetória de resultados da seleção masculina de basquetebol nos Campeonatos Mundiais e nos Jogos Olímpicos, surgiram várias indagações sobre as causas que influenciaram o processo de desenvolvimento da modalidade no Brasil. Diversos fatores contribuíram para esta tendência, entretanto, focalizaremos nossos esforços nas categorias de base, por esta se constituir no início do processo de formação de possíveis atletas, que poderiam fazer parte das seleções futuras, além de ser também, uma fase de formação integral da educação destes futuros cidadãos.

Objetivo – Baseando-se na análise da trajetória de resultados internacionais (Mundiais e Olimpíadas) da seleção brasileira masculina de basquetebol, o objetivo deste estudo é investigar as dificuldades relacionadas à prática do basquetebol masculino nas categorias de formação no Brasil, principalmente, no que tange ao acesso da modalidade, e apontar possíveis intervenções pedagógicas na busca do melhor desenvolvimento do esporte, do aumento e da continuidade de seus participantes.

Questões como essas constam nas inquietações deste projeto, dispondo a profundidade do tema, que não se restringe aos apontamentos, incluindo as causas da dificuldade no tratamento e na intervenção pedagógico dos profissionais envolvidos com a modalidade, além da aproximação do basquetebol dos campos da ciência do esporte.

Justificativa - Este estudo qualitativo se justifica pela carência de literatura científica relativa à trajetória institucional do basquetebol masculino brasileiro e, sobretudo, pela necessidade de pesquisas relacionadas à prática do basquetebol. Além destes fatores, a elaboração deste estudo propõe uma discussão sobre pedagogia do esporte inserida no contexto da ciência do esporte no ambiente escolar, bem como no ambiente não-formal, ou seja, clubes, academias, praças, e poderá levar os profissionais envolvidos com o basquetebol nas categorias de base a refletirem sobre o seu campo de atuação, auxiliando na organização efetiva da prática da modalidade. Estes aspectos são relevantes para a formação de atletas e para o desenvolvimento do basquetebol em nosso país.

Delimitação do Tema - Este estudo sobre as categorias de formação de jovens atletas será delimitado aos adolescentes das categorias de base do basquetebol brasileiro, portanto pertencentes à faixa etária entre 12 e 15 anos. Utilizaremos para tanto, o Estado de São Paulo, pois, há muitos anos, é o grande centro do basquetebol brasileiro, formando a maioria dos atletas que têm defendido a seleção nacional nas categorias de base.

Metodologia - Essencialmente será utilizado para este estudo a pesquisa bibliográfica, ou seja, a pesquisa em textos, livros, artigos, teses, monografias e publicações existentes, procuramos compreender e refletir a cerca da trajetória institucional do basquetebol masculino brasileiro e sobre questões relativas ao acesso a sua prática. A relevância da pesquisa bibliográfica é abordada por Lakatos e Marconi (1995).

"A pesquisa bibliográfica abrange toda a bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo que já foi escrito, dito, e filmado, para que este possa resolver, não somente problemas já conhecidos, como explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente. Desta forma este tipo de pesquisa não é uma mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame e análise de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras" (p. 183).

Faremos uma contextualização sobre a origem, fundamentação e o acesso à prática da modalidade, associando o esporte à educação como elementos inseridos na cultura humana, com a finalidade de identificar quem praticava basquetebol, porque praticava e onde praticava. Após essa discussão, ainda contextualizando o basquetebol masculino brasileiro, focalizaremos nossa análise nas questões ligadas à tentativa de profissionalização da modalidade e sua relação restrita com o acesso a prática do basquetebol. Outro fator ligado a estas relações analisadas (basquetebol, cultura e educação) é a tentativa da profissionalização do basquetebol, a partir da qual surgem novas necessidades no esporte e uma delas é a entrada dos recursos financeiros, que trará grandes conseqüências para essas modalidades até então ditas como amadoras.

Através da pesquisa bibliográfica, tentaremos discutir essas questões de forma crítica, buscando refletir sobre as peculiaridades do acesso a prática do basquetebol, bem como sobre elementos pedagógicos inseridos na modalidade. A dificuldade de acesso é explicitada pela pouca quantidade de adolescentes praticando o basquetebol de forma oficial, fato comprovado

posteriormente pela análise estatística. O esporte competitivo, se utilizado de forma positiva, constitui-se um elemento facilitador da educação e não apenas um “reprodutor” de atletas profissionais. O esporte atual possui múltiplas possibilidades e por isso pretendemos esmiúça-las e discuti-las.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO DO BASQUETEBOL

Existem muitos livros que relatam a origem do basquetebol no mundo e também no Brasil. Através de algumas leituras realizadas tentaremos neste capítulo expor alguns acontecimentos pertinentes sobre a origem e a evolução do basquetebol. O objetivo é localizar o leitor para que o mesmo possa se situar em relação ao desenvolvimento do basquetebol masculino brasileiro. Em seguida buscaremos relacionar o esporte e a educação inseridos na cultura e apontar aspectos relevantes da prática do basquetebol.

1.1 Origem e evolução do basquetebol

O basquetebol foi inventado em 1891 pelo professor Dr. James Naismith, professor de educação física canadense naturalizado americano, na escola de trabalhadores cristãos (ACM), atual Springfield College, em Massachussets – Estados Unidos. Durante o inverno havia uma necessidade de alguma atividade física para ser praticada em recinto fechado e com luz artificial, uma vez que os rigores do inverno não permitiam a prática de atividades recreativas ao ar livre. O basquetebol foi instituído no período de inverno (no outono e na primavera os esportes preferidos eram respectivamente o futebol americano e o beisebol) e difundia-se rapidamente dado sua prática ser efetuada em ginásios cobertos e fechados¹.

“O Brasil foi o primeiro país da América do Sul e o quinto do mundo a conhecer o basquetebol” (DAIUTO, 1991, p.151).

Augusto Shaw, um norte-americano nascido na cidade de Clayville, região de Nova York, completou seus estudos na Universidade de Yale, onde em 1892 tomou contato pela primeira vez com o basquetebol. Dois anos depois recebeu um convite para lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo. Na bagagem Shaw trouxe além dos livros, uma bola de basquetebol. Mas demorou algum tempo para que o esporte se concretizasse no Brasil. A nova modalidade foi apresentada e aprovada primeiramente pelas mulheres. Isso atrapalhou a difusão do basquetebol

¹ As informações sobre as conquistas e o desenvolvimento histórico do basquetebol brasileiro podem ser encontradas em DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol: origem e evolução**. São Paulo: Iglu, 1991. Os sites da Confederação Brasileira de Basketball (CBB) <http://www.cbb.com.br/conheça_basquete/hist_Oficial.asp>, site <<http://www.basket.com>> e <<http://www.intermega.globo.com/basquete/historia.html>>.

entre os rapazes, movido pelo forte machismo da época. Quebrada a resistência, ele conseguiu montar a primeira equipe do Mackenzie College ainda em 1896.

A aceitação do novo esporte veio através do professor Oscar Thompson na Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de educação física da Associação Cristã de Moços (ACM).

A partir da revisão bibliográfica podemos fazer um levantamento sobre a criação desta modalidade, destacando algumas peculiaridades diferenciais comparando-a com o surgimento de outras modalidades esportivas. Como exemplo Marchi Jr. (2001, p. 74) faz algumas abordagens sobre voleibol e o basquetebol.

Assim como o basquetebol, o voleibol não foi uma prática que com o passar do tempo apresentou um processo de desportivização. Em outras palavras, a modalidade foi inventada como um jogo portador de um conjunto de regras e características que o inseriu no universo dos esportes. Ele certamente não evoluiu de nenhuma manifestação cultural do jogo, passatempo ou qualquer outra atividade esportiva.

O basquetebol é uma modalidade que foi inventada nos Estados Unidos distante e diferentemente do perfil e expectativas das práticas desportivizadas européias, como o futebol na Inglaterra. Pode-se considerar, baseando-se em Marchi Jr., que o basquetebol é um esporte que foi inventado a partir dos interesses de uma elite cristã americana – representação de uma classe burguesa emergente – e contrastante com os moldes e anseios europeus. Ressalta-se ainda que as autoridades americanas, reconhecendo o valor dessa nova modalidade, recomendaram sua inclusão nos programas de Educação Física escolar logo nos primeiros anos após a sua invenção.

Daiuto (1991, p. 95) relata sobre a incursão do basquetebol nos programas escolares e nas universidades americanas.

Nos Estados Unidos a prática do basquetebol passou a fazer parte dos programas regulares de Educação Física das escolas e universidades logo após a sua invenção. O Sr. C. O. Bemis introduziu a prática do basquetebol no Genove College – Beaver Falls em 1892; O Dr. Alexandre Howe, da ACM da 86th Street, introduziu-o em Manhattan e o próprio Dr. Naismith teria sido o introdutor do jogo na Universidade de Kansas. O Elmira College, de Nova Iorque, a Universidade de Stanford e a Yale University, também estiveram entre os primeiros estabelecimentos de ensino a incluir o basquetebol na programação das atividades físicas regulares de seus alunos.

Ainda nesse período, integrantes da ACM introduziram o basquetebol nas Forças Armadas Americanas, durante a 1ª Guerra Mundial. O **Novo Jogo** foi muito bem recebido pelos soldados, tendo sido adotada como uma prática regular após o final da guerra.

Daiuto (1991, p.152), referindo-se a Auguste F. Shaw, introdutor do basquetebol no Brasil, cita que: “Em 1914 voltou novamente para os Estados Unidos, em seguida, como secretário da Associação de Moços, foi para a Europa prestar serviço durante a Primeira Grande Guerra”.

Portanto, pode-se inferir que as ACMs e as milícias americanas são tidas como principais fatores da formação da base para a sustentação e desenvolvimento do basquetebol pelo mundo.

O basquetebol começava a se consolidar na sociedade americana, e a próxima preocupação era com a ampliação e a incorporação de outras instituições. Para Bourdieu esse fenômeno ocorre por conta da extinção ou do encampamento de novas fronteiras.

Ao perceberem que a modalidade representava determinado perfil formativo social, as autoridades americanas não tardaram em incluir o basquetebol nos programas escolares, além de incentivar à sua prática em outras instâncias públicas. Esse poder simbólico do basquetebol na escolarização americana difere, por exemplo, da representação do futebol nas escolas secundárias das elites estudantis inglesas ou *public schools*. Pode-se inferir que o basquetebol e o voleibol nasceram respeitando os anseios de uma burguesia capitalista emergente, enquanto o futebol² foi balizado no refinamento de uma prática desportivizada escolar para os filhos da aristocracia inglesa.³

Sobre o processo de expansão do basquetebol, do clube para as escolas e demais praças esportivas, o que chama a atenção é a inserção nas Forças Armadas Americanas. Como dito anteriormente, essa instituição foi uma das principais responsáveis pela disseminação da modalidade em termos internacionais.

O desenvolvimento do basquetebol no Brasil, apesar de respeitado algumas semelhanças, o processo ocorrido nos EUA, com a incursão da modalidade nas escolas, ocorreu de forma

² Trabalhos de maior consistência e fôlego histórico sobre as questões pertinentes à origem do futebol e dos esportes modernos podem ser encontrados nas seguintes obras: HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios**; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**; ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**.

³ Aspectos relacionados à origem e fundamentação e emergência do esporte, no caso mais específico do voleibol, foram encontrados na Tese (Doutorado): MARCHI JR, W. “**Sacando**” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000).

diferente. Sabe-se que estes dois países passaram por diferentes processos colonizadores. As instituições de ensino norte-americanas já eram naquela época bem mais estruturadas se comparadas às instituições de ensino instaladas no Brasil. Não temos o objetivo de comparar a estrutura econômica e política desse dois países, mas sim constatar a idéia de que o processo de desenvolvimento da modalidade nos Estados Unidos ocorreu de forma mais abrangente por existirem neste país instituições de ensino mais organizadas. Utilizaremos o exemplo dos EUA para estabelecer certas relações por entendermos que o mesmo atualmente possui o basquetebol mais desenvolvido e organizado no mundo.

1.2 O Basquetebol no Brasil

O basquetebol, apesar de chegar ao Brasil e ser inserido precocemente nos programas de Educação Física, foi divulgado para o país através principalmente a via clúbistica, diferente do modelo americano, que teve a divulgação através das suas escolas e faculdades.

Daiuto (1991, p.152) relata sobre os primeiros jogos no Brasil, e a sua incursão nos programas de Educação Física. “Pouco tempo depois o basquete passou a fazer parte dos programas de atividades físicas da Associação Cristã de Moços de São Paulo, sendo praticado pelos sócios após as aulas de ginástica”.

No Brasil, pode-se incluir o basquetebol enquanto uma reprodução social do modelo norte-americano, haja vista a elite carioca do América e Flamengo representava a mais pura manifestação seletiva social clúbistica, assumindo esse *habitus*⁴ esportivo e respeitando as necessidades e características sociais para a devida incursão nesse seletivo campo.

É por isso que a reprodução do capital social é tributária, por um lado, de todas as instituições que visam a favorecer as trocas legítimas e a excluir as trocas ilegítimas, produzindo ocasiões (*rallies*, cruzeiros, caçadas, saraus, recepções, etc.), lugares (bairros chiques, escolas seletas, clubes, etc.) que reúnem, de maneira aparentemente fortuita,

⁴ *Habitus* é um produto dos condicionamentos que tende a reproduzir a lógica objetiva dos condicionamentos mas introduzindo neles uma transformação; é uma espécie de máquina transformadora que faz com que nós “reproduzamos” as condições sociais de nossa própria produção, mas de uma maneira relativamente imprevisível, de uma maneira que não se pode passar simplesmente e mecanicamente do conhecimento das condições de produção aos conhecimentos dos produtos. BORDIEU, Pierre. *O mercado lingüístico...*, p. 105.

indivíduos tão homogêneos quanto possível, sob todos os aspectos pertinentes do ponto de vista da existência e da persistência do grupo (BOURDIEU, 1998, p.68).

Percebe-se que o basquetebol se desenvolveu no Brasil através dos clubes e não pela escola. A modalidade em questão foi apenas reproduzida através de um sistema de estruturas existentes no clube.

Com algumas leituras feitas pelo autor deste presente estudo, referente aos objetivos e ao público a ser atingido pela modalidade, percebe-se fundamentalmente que esse esporte nasceu respeitando as necessidades de uma elite, qual seja, a elite clubística cristã. Em momento algum encontramos alguma menção à popularização do esporte ou que o basquetebol fosse uma prática além-clubes.

O desporto escolar apresentava dificuldades em seu desenvolvimento devido à falta de estrutura dessas entidades. O basquetebol era praticado apenas em alguns colégios frequentados por alunos da alta sociedade brasileira. Isso nos permite fazer uma análise, por intermédio da teoria de campos de Bourdieu, que transparece em uma modalidade esportiva as leis estruturais que delimitam um campo, além de reproduzir a dominação social através do perfil exigido de seus praticantes e determinar aspectos culturais que norteiam as posições e distinções de determinadas classes econômicas. Pode-se inferir que a preocupação com as características exigidas para o desenvolvimento da nova modalidade estava direcionada para a consolidação de um grupo dominante, ou seja, o grupo que praticava o Basquetebol. Portanto a via clubística foi utilizada como meio de divulgação da modalidade no Brasil, dada a baixa qualidade de desenvolvimento das instituições ligadas ao ensino em nosso país e a formação de um determinado grupo de perfil social dominante nos clubes, ou seja, a elite clubística.

Sobre essa instituição clubística e suas finalidades, Marchi Jr. (2001, p. 104) coloca que:

Essa instituição possui em seu quadro de associados agentes dotados de determinado perfil social, composto e construído à base do respectivo capital social, econômico e cultural, capaz de enfatizar posições e distinções de classe.

Clubes, quando apóiam a incursão de determinadas modalidades em seus quadros de esportes competitivos, nitidamente o fazem na perspectiva da obtenção de resultados e na composição de equipe de rendimento. Raramente observam-se processos de massificação ou popularização dos esportes a partir das iniciativas clubísticas.

Utilizando ainda o estudo de Marchi Jr., pode-se constatar que a incursão do basquetebol no modelo brasileiro adveio através dos clubes da alta sociedade brasileira, ou seja, da elite, e geralmente ligados ao futebol como, por exemplo, o América F.C., Clube de Regatas Flamengo, Fluminense F.C., Clube Internacional de Regatas, Clube Atlético Paulistano, Clube Espéria, entre outros. Portanto, pode-se constatar que o clube não tem como finalidade principal a massificação e a popularização do esporte, daí percebe-se a dificuldade do desenvolvimento da modalidade em nosso país.

Essa instituição que tinha como principal objetivo dar oportunidades para os associados que pagavam a suas mensalidades trouxe mais tarde algumas barreiras que em nosso entendimento impediram um maior crescimento da modalidade no Brasil. Apenas a elite conseguia praticar a modalidade, fazendo com que o basquetebol ficasse restrito somente a uma minúscula parcela da população brasileira. Nos Estados Unidos esse processo ocorreu de forma diferente, pois as escolas e as universidades davam amplas oportunidades aos alunos para a prática da modalidade, dando origem a vários jogadores de basquetebol através destas instituições.

Vidal (1991, p.19) faz alguns comentários sobre o jogador brasileiro, e critica a estrutura esportiva nas universidades brasileiras.

...o jogador brasileiro não provém das grandes universidades, como acontece nos Estados Unidos, mesmo porque são poucas as "grandes" universidades no Brasil, muito embora, quando convocados para o selecionado nacional, alguns de nossos atletas estejam cursando ou já cursaram universidades. O jogador brasileiro é originário dos poucos clubes de elite que, com muita dificuldade e quase sempre à revelia de parte de seus associados, mantêm equipes de basquetebol. Não existem equipes universitárias permanentes de basquetebol; aliás, não existem equipes universitárias permanentes de esporte nenhum no Brasil!

A fundamentação do esporte no Brasil ocorreu de forma diferente em relação aos EUA, onde as escolas e as universidades estão diretamente ligadas a formação dos atletas para as diversas modalidades. A política pública deste país é totalmente distinta da do Brasil. Como já foi dito, não temos o objetivo de comparar economicamente estes dois países, porém nos EUA as instituições de ensino concedem toda essa estrutura para a formação destes atletas, enquanto no Brasil essa prática é no mínimo complicada.

Sobre a fundamentação do esporte no Brasil, Trevisani (1997, p. 26) em entrevista com Paes relata que:

Ao contrário de muitos países com tradição esportiva, o esporte no Brasil não se fundamentou na escola ou com o forte apoio Estatal ou de empresas, mas, principalmente, pelos clubes que sempre foram, quase que exclusivamente, os responsáveis pelo fomento à prática esportiva.

Neste relato de Paes percebe-se que os clubes financiavam a modalidade para que os seus sócios pudessem praticá-la. Porém em um momento posterior, com o advento do capitalismo, iremos perceber que o financiamento das equipes pelo clube trouxe alguns prejuízos para o crescimento da modalidade em nosso país, pois se criou uma dependência entre o clube e o financiamento da modalidade, mas essas questões serão discutidas no próximo capítulo.

1.3 Esporte educação e cultura

Neste tópico buscaremos estabelecer uma relação entre o esporte e a educação e analisar as suas influências sócio-culturais da prática do basquetebol.

Betti (1993, p. 44) define “o termo cultura, como um conceito abrangente que inclui todos os bens materiais e não-materiais que o homem, historicamente, produziu nas suas relações com a natureza e com outros homens”. Baseando-se neste conceito, o esporte e a educação constituem elementos inseridos na cultura, pois fazem parte dos bens produzidos pelo homem ao longo de sua existência. Faremos, então, a contextualização da educação tentando em seguida associá-la ao esporte, mais especificamente ao basquetebol, objeto de análise desta monografia.

Saviani (1983) relata a questão da marginalização balizando no fenômeno da escolarização e nas teorias da educação, esta sendo dividida em dois grupos:

“No primeiro temos aquelas teorias que entendem ser a educação um instrumento de equalização social, portanto de superação da marginalidade. No segundo, estão as teorias que entendem ser a educação um instrumento de discriminação social, logo, um fator de marginalização” (p. 3).

Para o primeiro grupo, a marginalidade é um fenômeno acidental, isto é um desvio ou uma distorção, que não só pode como deve ser corrigida pela educação. Esse grupo foi redividido pelo autor em três sub-grupos com diferentes métodos pedagógicos: a pedagogia tradicional, a pedagogia nova e a pedagogia tecnicista. Abordaremos somente as duas primeiras por constituírem o foco do nosso assunto.

A pedagogia tradicional detinha o papel de difundir a instrução e transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade, ou seja, o acervo cultural de uma forma lógica. Essa pedagogia postulava o ensino igualitário centrado na figura do professor, pois este deveria levar o conhecimento até os alunos.

A pedagogia nova que será um instrumento da educação para corrigir a marginalidade na medida que cumpre o seu papel de ajustar e de adaptar os indivíduos à sociedade, incutindo neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais, constituindo uma sociedade cujos membros, não importam as diferenças de quaisquer tipos, aceitem-se e respeitem-se na sua individualidade específica. Essa pedagogia postulava a democracia da educação sem se importar com as suas diferenças e centrava-se na figura do aluno, que deveria buscar o conhecimento.

A pedagogia tradicional iniciou-se no final do século XIX e perdeu força na década de 20, já a pedagogia nova surgiu na década de 30 e teve o seu auge na década de 60. Durante a Idade Média houve a dominação social e histórica da nobreza e do clero em relação à burguesia. Nesse contexto justificava-se a constituição da pedagogia tradicional, que pregava o ensino igualitário. No final do século XIX e início do século XX, a burguesia colocou-se na direção do desenvolvimento da história e seus interesses coincidiam com o interesse do povo, com os interesses da transformação, buscando na escola subsídios para a sua ascensão social e cultural. Nesse sentido, Saviani (2001) coloca que:

“Ocorre que a história vai evoluindo, e a participação política das massas entra em contradição com os interesses da própria burguesia. Na medida que a burguesia, de classe em ascensão, portanto, de classe revolucionária, se transforma em classe consolidada no poder, os interesses dela não caminham mais em direção à transformação da sociedade; ao contrário os interesses dela coincidem com a perpetuação da sociedade” (p. 40).

Quando a burguesia se transforma em classe dominante, ela passa a propor a pedagogia nova, que contribuiu para o aumento da marginalidade. Isto porque no modelo tradicional a educação direcionava-se para todos sem levar em consideração as suas diferenças. Em face da nova pedagogia, colocamos a seguinte questão. Como não diferenciar uma criança que já possui uma base educacional de outra que sempre foi marginalizada? Em face dos níveis desiguais de aprendizagem, a marginalização persistia, pois a criança marginalizada não conseguia acompanhar o desenvolvimento das outras. Portanto esta pedagogia foi elitista, apesar da proposta democrática, constituindo-se mais excludente do que a pedagogia tradicional.

Como exposto anteriormente, a educação é um dos bens produzidos pelo homem, por isso também é um elemento cultural, porém somente a elite possuía acesso a esse tipo de cultura, como expõem Bourdieu & Passeron (1975):

“Numa formação social determinada, o sistema de ensino dominante pode constituir o trabalho pedagógico dominante como trabalho escolar sem que os que exercem como os que a ele se submetem cessem de desconhecer sua dependência relativa às relações de forças constitutivas da formação social em que ele se exerce, porque ele produz e reproduz, pelos meios próprios da instituição, as condições necessárias ao exercício de sua função interna de inculcação, que são ao mesmo tempo suficientes da realização de sua função externa de reprodução da cultura legítima e de sua contribuição correlativa a reprodução das relações de força; e porque, só pelo fato de que existe e subsiste como instituição, ele implica as condições institucionais do desconhecimento da violência simbólica que exerce, isto é, porque os meios institucionais dos quais dispõe enquanto instituição relativamente autônoma, detentora do monopólio do exercício legítimo da violência simbólica, estão predispostos a servir também, sob a aparência da neutralidade, os grupos ou classes dos quais ele reproduz o arbitrário cultural (dependência pela independência)” (p. 75).

Os autores propõem que a função da educação é a de reprodução das desigualdades sociais pela reprodução cultural. Estes são marginalizados socialmente, pois não possuem força material (capital econômico) e marginalizados culturalmente, pois não possuem força simbólica (capital cultural).

A partir da contextualização destas práticas esportivas e da educação em suas diferentes teorias, podemos associar estes dois fenômenos que eram utilizados pela classe dominante (poder econômico) como mecanismo para “adquirir” ou “manter” a dominação social. Através da dominação cultural, a dominação social era reproduzida e refletida no esporte, pois só a elite

detinha acesso a essa prática, como na educação, que de fato era concedida somente pela classe dominante, servindo como elemento reforçador da marginalidade escolar.

Esta discussão proposta por Saviani sobre a marginalidade escolar e a dificuldade de acesso à educação pelas camadas inferiores da população pode ser estendida para o esporte, mais particularmente para o basquetebol. Vale lembrar que essa modalidade era praticada no clube apenas pela elite que representava o seu poder social e cultural, restringindo assim, como na educação, o acesso à prática da modalidade e, portanto, marginalizando a maior parte da população. Entretanto, com o início da profissionalização da modalidade, esse contexto começa a sofrer mudanças em suas estruturas. Até a década de 70, o basquetebol era uma modalidade amadora, ou seja, os seus praticantes não eram remunerados e tinham outros objetivos na prática desta modalidade. Porém, a partir desta década, devido à necessidades inerentes ao esporte, essa modalidade começa a se sistematizar. O esporte sofre algumas transformações que influenciarão nos propósitos de sua prática. A entrada de recursos financeiros no esporte amador provocou modificações, inclusive no acesso a sua prática. Criaram-se novos objetivos e novas necessidades para a prática do basquetebol.

A partir deste capítulo podemos fazer algumas considerações que serão de grande valia no decorrer desta monografia. O basquetebol é uma modalidade que surgiu para satisfazer as necessidades de uma burguesia emergente. Nos EUA essa modalidade foi fundamentada e desenvolvida nas escolas e universidades, dada a sua precoce inserção nos programas de Educação Física e principalmente pela organização dessas instituições. Essa modalidade se disseminou pelo mundo devido principalmente a dois fatores, as missões das ACMs percorridas nas “colônias”, difundindo novos programas de Educação Física e novos conteúdos esportivos, e também pela introdução dessa modalidade nas Forças Armadas Americanas, que contribuíram de forma significativa para a dissipação do basquetebol para outros países.

No Brasil, diferentemente do que ocorreu nos EUA, essa modalidade se difundiu pelo país através dos clubes, portadores de agentes de determinado perfil formativo social, a elite. Esses clubes em sua maioria ligados principalmente ao futebol, não tinham iniciativas voltada à massificação e popularização da modalidade.

CAPÍTULO 2

A ORGANIZAÇÃO ESPORTIVA BRASILEIRA

2.1 O amadorismo e o profissionalismo no basquetebol brasileiro

O basquetebol foi inventado nos Estados Unidos, em 1891 por James Naismith. A modalidade surgiu como um jogo, portador de um conjunto de regras e características que o inseriu no universo dos esportes, respeitando as necessidades e os interesses de uma elite clubística cristã.

Segundo o dicionário da língua portuguesa (FERREIRA, 2004), amador é aquele “que se dedica à arte ou ofício por prazer, não por profissão”, e este ainda define amadorismo como “condição de amador, de não profissional”. Profissional, segundo o mesmo autor, é relativo à profissão compreendida como “atividade ou ocupação especializada, da qual se podem tirar os meios de subsistência”.

Estudos da Fundação Getúlio Vargas (FGV) apontam que o esporte amador possui como característica maior o ato voluntário de exercitar uma atividade física repetidamente, da qual em tempo de lazer extrai-se a satisfação e o conforto da melhoria do bem-estar físico (FGV, 1999).

Inicialmente as práticas esportivas no Brasil predominantemente não possuíam organização sistematizada, sendo vistas apenas como entretenimento para os associados do clube, qual seja a elite clubística, e suas preocupações sócio-esportivas eram essencialmente amadoras.

Estabelecendo como marco referencial do amadorismo o período de 1948 até 1976 (MARCHI JR., 2001; PRONI, 2000), o esporte amador, configurava-se como um projeto de trabalho sem seqüência, sem continuidade, e dificilmente os atletas de diferentes modalidades esportivas dedicavam-se diariamente aos exercícios e treinamentos, devido às preocupações com colégio, faculdade, emprego, ou ainda família. A improvisação, comum a todos os esportes amadores, contaminava os dirigentes amadores que não detinham recursos financeiros para elaborar um sistema esportivo organizado (NUZMAM, 1985).

Esse contexto amador do basquetebol brasileiro trazia uma série de dificuldades para esta grande maioria de participantes das equipes competitivas, que eram obrigados a exercerem outras atividades para obterem condições para seu sustento. Entretanto, essas dificuldades de

sistematização e organização do desporto competitivo resultavam na maior facilidade de manutenção das equipes de competição pelo clube, pois as exigências de recursos financeiros para a sua estruturação eram de pequena escala, se considerarmos os valores atuais difundidos nos meios de comunicação. Não obstante, neste período já havia alguns jogadores que obtinham recursos financeiros através do basquetebol, entretanto, a atitude de grupos principais não evidenciava este mesmo objetivo na prática da modalidade.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, com o intuito de elevar o nível técnico do basquetebol brasileiro e conseqüentemente de ampliar os horizontes profissionais da modalidade, os treinamentos começaram a ser realizados com maior frequência, intensificando as exigências físicas, técnicas, táticas dos atletas praticantes do basquetebol.

A configuração anterior do esporte amador foi substituída por uma maior sistematização, e aumentou-se a quantidade de pessoas ligadas ao basquetebol que passaram a ter reconhecimento, principalmente financeiro, permitindo-as dedicar-se cada vez mais a esta prática. A preparação levou a exigências financeiras maiores, ficando cada vez mais difícil para o clube, instituição responsável pela introdução e fomentação da modalidade no Brasil, sustentar as equipes competitivas nas várias categorias, tendo, portanto que recorrer à busca de recursos externos que financiassem os crescentes investimentos requeridos pelo esporte (BENELI, 2002).

Em 1981, foi deliberado o fim da proibição de empresas patrocinarem clubes ou entidades esportivas e exibirem em seus uniformes, como forma de propaganda, as marcas de seus patrocinadores. Dessa maneira, ampliaram-se as Associações Desportivas Classistas, que garantiam salários e a permanência dos atletas no país, além, obviamente de possibilitar melhores estruturas e disponibilidade para o treinamento. Esse processo culminou com a participação dessas equipes em competições destinadas ao Desporto Comunitário (MARCHI JR., 2001).

Proni (2001), referindo-se ao futebol, argumentou sobre a promissora possibilidade de obtenção de recursos financeiros através da divulgação dos patrocinadores no uniforme, perante as dificuldades econômicas do nosso país apresentadas durante a década de 80, e ainda relacionou este fato, juntamente com a mídia, na oportunidade de utilização do marketing esportivo.

Nesse contexto, foram esboçados indícios de modernização e profissionalização do esporte amador, viabilizado na interface com a iniciativa privada. Reportagem da revista *Veja* discutia o assunto no início dos anos 80 e mostrava que “as eventuais ajudas de custo fornecidas

pelos clubes foram superadas e deram lugar aos salários advindos das empresas” (VEJA, 1983, p.52 e 53). Importante destacarmos que quando nos referimos a profissionalização neste momento, reportamos a uma estrutura na qual atleta de basquetebol não era uma profissão regulamentada por lei. Os mesmos eram empregados a partir de contratos de prestação de serviços para autônomos ou acordos firmados de prefeituras, sob a legislação da CLT, ou ainda em sua maioria, através de acordos verbais. No entanto, em 1976, o governo militar junto a CND havia regulamentado por lei federal a profissão de jogador de futebol (PRONI, 2000).

2.2 Os modelos de financiamento esportivo

Há uma dificuldade literária a respeito do financiamento e da sistematização do esporte no Brasil, principalmente durante o processo de transição do amadorismo para o profissionalismo. Buscaremos apontar alguns modelos de financiamento esportivo no mundo e relacionar ao processo ocorrido no Brasil. Sobre a sistematização do esporte competitivo mundial, Tubino (1997) explica o surgimento das escolas esportivas:

“A partir da utilização do esporte como mecanismo político, principalmente após a Segunda Guerra Mundial no início da ‘Guerra Fria’, o Estado se apropria do esporte em muitos países e neste momento surgem quatro escolas esportivas bem definidas: a escola saxônica, a escola socialista, a escola européia-ocidental e a escola asiática. A escola saxônica, também chamada de escola do liberalismo absoluto, tinha como base a Universidade. A escola socialista, também conhecida como escola do dirigismo absoluto, tinha no estado o organismo central de todas ações. A escola européia-ocidental, um misto das duas primeiras, justamente pelas incoerências internas entre os países componentes, sempre apresentou resultados aquém de suas possibilidades. Finalmente, a escola asiática, precursora do paradigma do esporte como negócio, tinha na indústria a sua base principal, mas delimitava-se pelas práticas esportivas inseridas nas suas culturas, o que de alguma forma explica o pequeno número de modalidades vitoriosas nas disputas internacionais” (TUBINO, p. 21).

A partir desta constatação, podemos elaborar uma breve análise sobre a situação do esporte brasileiro na busca por um modelo de organização esportiva. A *escola socialista* seria difícil de ser instalada em nosso país, dada a sistematização política capitalista a qual estávamos e estamos inseridos. A *escola saxônica* também teria dificuldades devido às diferenças econômicas e sociais entre estes países, bem como a enorme disparidade organizacional entre as instituições

de ensino, como as Universidades e Escolas que formam a base esportiva Anglo-Saxônica. A *escola asiática*, apesar de ter preconizado o esporte financiado por empresas, e conforme mencionado por Tubino (1997), precursora do esporte como negócio, limitava o seu sucesso apenas as práticas esportivas inseridas em sua própria cultura e com uma realidade de ação distante do projeto brasileiro.

Proni (2000) indica a influência do modelo europeu na organização esportiva brasileira. É possível identificar a proximidade do modelo brasileiro com a *escola européia-ocidental* por vários motivos. Entre outras, pela característica clubística, pela participação do Estado, mais recentemente pela inserção de empresas privadas no esporte.

Havia um novo desafio para os dirigentes do basquetebol brasileiro na década de 80: conseguir implantar um sistema de desenvolvimento do esporte que viabilizasse financeiramente a modalidade no processo de transição do amadorismo para o profissionalismo em um curto período frente à necessidade de manutenção de equipes esportivas representativas em condições de resultados internacionais.

A respeito da organização do esporte brasileiro, Tubino (1988) defendia no final dos anos 80 e mostrava que:

“O Esporte-performance não é assunto do Estado nem, tampouco, negócio privado. A intervenção do Estado, como poder regulamentador, é ineficiente, burocrática e paralisante. E como investidor, suas aplicações têm sido insuficientes e mal orientadas. Dessa forma, sem investir o suficiente, o Estado regulamenta o bastante para inibir a iniciativa privada. Como os clubes são, por definição estatutária e legal, entidades sem fins lucrativos, a organização, em bases capitalistas, do nosso esporte rendimento, padece de instituições privadas capacitadas. O resultado é este hibridismo asfixiante em que se estiola o esporte nacional a provocar duas sortes de demandas contraditórias: de um lado, o apelo por mais recursos públicos para o esporte de competição; de outro, o pleito por menor interferência do Estado como poder regulamentador” (TUBINO, 1988, p. 127).

Percebemos, conforme Tubino (1988), que até o final da década de 80, o Brasil ainda não havia implantado um modelo eficiente de financiamento ao “Esporte-performance”, pois o Estado, ao mesmo tempo em que não possuía recursos para o completo financiamento das modalidades, dificultava o patrocínio de empresas no esporte amador. Segundo Proni (2000), os problemas nas negociações entre os dirigentes amadores representantes do esporte e os dirigentes

profissionais representantes das empresas dificultava à busca de recursos financeiros para as modalidades.

Os estudos da FGV (1999, p. 19 e 20) anteriormente mencionados indicavam a defasagem do modelo desportivo brasileiro e suas diferentes formas de organização e financiamento. De acordo com este estudo, enxergava-se, de forma limitada, o lado empresarial e de negócios, gerador de grandes vendas e bilheterias milionárias ou de ganhos em propaganda que o esporte poderia gerar, discutindo a sua importância para questões econômicas relevantes como o PIB e a geração de empregos. Em função destes fatos, o modelo brasileiro defasou-se. Arraigou-se num conceito talvez oportuno antes dos anos 70, mas que é equivocado para o competitivo momento atual. O Brasil, apesar de ter sido influenciado pela escola européia-ocidental, não conseguiu implantar um sistema esportivo organizado e eficiente, conseqüentemente, o país não acompanhou as mudanças e a evolução do esporte ocorrida em outros países, principalmente relacionadas à aplicação das ciências do esporte.

No final da década de 70 e início da década de 80, o basquetebol mundial já apresentava indicadores de profissionalização, com a predominância de profissionais engajados de forma integral nesta atividade, com a sistematização e organização dos treinamentos e, fundamentalmente, com o desenvolvimento e aplicação das Ciências do Esporte e suas diversas disciplinas no campo esportivo.

Ainda na década de 60 e 70, Feio (1978) apoiando-se em Teodorescu, discutia sobre a importância da ciência do esporte e seus campos interdisciplinares no desporto de rendimento.

“As ciências como a fisiologia do desporto, a higiene do desporto, a biomecânica e a bioquímica – com aplicações ao desporto, os métodos da pedagogia desportiva, e mais recentemente, a psicologia e a sociologia desportivas, disciplinas múltiplas de fronteiras, intervêm a fim de ajudar a valorização das reservas humanas ainda em estado de latente, tendo em vista a melhoria do rendimento humano. O fenómeno não é mais atacado paralelamente, mas sim de uma maneira convergente (FEIO, 1975, p.133)”.

O mesmo autor ainda destacou o exemplo de países como USA, URSS e países socialistas e ainda a Grã-Bretanha, que neste período já buscavam aproximação com a ciência do esporte e sua inserção no desporto de rendimento.

A dificuldade de implantação de um modelo de financiamento esportivo implicou nos reduzidos investimentos nas ciências do esporte, e conseqüentemente na sua aplicação durante a década de 70 e 80, este distanciamento influenciou na estrutura e na organização do basquetebol masculino brasileiro.

Matsudo (1999) discute sobre a detecção de talentos, considerado pelo autor um aspecto relevante e que influencia nos resultados internacionais de determinada modalidade, porém existem poucos livros e autores renomados que tratam desta área mais detalhadamente.

TABELA 1 – Classificação dos programas de detecção de talentos.

Sistemático Estatal	Sistemático não-estatal	Assistemático
Programa subsidiado pelo Estado ou Poder Público, o qual submete sua população a testes e medidas monitorando casos excepcionais. Países do antigo bloco socialista, dos quais Cuba ainda atua, são exemplos deste programa.	Segundo as mesmas condições do programa Sistemático Estatal, mas com a ressalva de que são oferecidos pelo sistema universitário ou de Empresas. EUA e Japão são exemplos deste programa.	A busca ao talento é feita de maneira irregular, e a família, clube, empresa ou Estado procura oferecer as condições requisitadas. Segundo o autor, neste sistema um talento é obra de mero acaso e fortuita combinação genética.

Fonte: Adaptado de Matsudo, V. Ver “Detecção de talentos” em Ghorayeb, N., Neto, T. L. B. O exercício: preparação fisiológica, avaliação médica, aspectos especiais e preventivos. São Paulo: Atheneu, 1999, p. 338.

A tabela 1 mostra a classificação segundo Matsudo (1999) dos programas de detecção de talentos. O programa de detecção de talentos no Brasil é o assistemático, e este é realizado sem pressupostos metodológicos e científicos já concebido pelos pesquisadores da Ciência do Esporte. Bompa (1983), Fillin e Volkov (1998) e Matsudo (1999) possuem opinião unânime, na qual uma seleção de talentos abrangente não pode ser feita somente na tentativa empírica, mas executada por alguns anos e por diversas etapas. Estudos recentes apontam esta tendência (MONTAGNER e SILVA, 2003).

Segundo Proni (2000), mesmo com a liberação da divulgação dos patrocinadores nos uniformes das equipes em 1983, a efetiva entrada das empresas no esporte através do marketing esportivo aconteceu apenas no final da década de 80. Como exemplos podemos citar Ravelli –

Franca (1988), Lwart Lwarcel Lençóis Pta. (1989), Cesp/Blue Life – Rio Claro (1990). Em 1990 criou-se a Liga Nacional de Basquetebol e aumentou-se a quantidade de equipes patrocinadas por empresas. Proni (2000) expõe sobre a entrada das empresas no esporte de rendimento:

“Olhando pela ótica do esporte, essa sobreposição implicou, de um lado, privilegiar a satisfação do consumidor e, de outro, fomentar a iniciativa privada e diminuir o patrocínio público ao esporte-espetáculo. E isso contribuiu para que se começasse a atribuir ao marketing esportivo um papel dominante no esporte brasileiro” (PRONI, 2000, p.164).

Existem indícios de que somente nos anos 90, com o incentivo financeiro da iniciativa privada ocorre uma aproximação mais consistente do basquetebol masculino brasileiro com os campos de conhecimento produzidos pela ciência do esporte e do treinamento, buscando a evolução e o desenvolvimento da modalidade. Sobre este assunto, Moreira (2002a) esclarece que:

“A evolução do jogo em si e a sua solicitação, as exigências para com o desportista, a competitividade cada vez mais intensa, a necessidade de manter a estabilidade durante períodos prolongados de alta competição e, fundamentalmente, o desenvolvimento da ciência do desporto como uma ciência formada por várias e distintas especialidades, são fatores de grande influência no desenvolvimento e no processo do aumento constante da capacidade de rendimento especial dos atletas” (MOREIRA, 2002a, p. 01).

Apesar da dificuldade de estudos sobre a temática, que envolve o esporte amador no Brasil e a sua inserção no campo profissional, podemos considerar que até o início da década de 90, houve uma grande dificuldade de sistematização e implantação de um modelo definido de financiamento do basquetebol no Brasil, frente à necessidade econômica do país durante a década de 80.

Na década de 90, a falta de investimentos nas ciências do esporte e de programas de treinamento de longo prazo, com metas, conteúdos e tarefas bem definidas, somadas a limitação organizacional e estrutural na categoria adulta e nas categorias de base do basquetebol brasileiro e ainda, o despreparo de profissionais envolvidos com a modalidade, influenciaram diretamente o nível de qualificação e os resultados internacionais obtidos pelo basquetebol masculino durante este período (MOREIRA, 2002b).

2.3 Contextualização do basquetebol paulista nas categorias de formação

Neste tópico buscaremos contextualizar o basquetebol oficial nas categorias de formação no interior do Estado de São Paulo e na capital, demonstrando algumas dificuldades para a prática da modalidade.

Diniz (2000) aponta que, em 1999, havia no Estado de São Paulo 3.350 adolescentes que participavam do basquetebol de forma oficial, ou seja, organizado e registrado pela FPB e/ou pelas Ligas Regionais de Basquetebol, nas categorias pré-mini, mini, mirim em todo o Estado de São Paulo. Essa quantidade representava aproximadamente 0,1% da população existente na faixa etária dos 10 a 14 anos, já que em 1998, havia um total de 3.240.909 indivíduos. O autor ainda apresenta que, se somente 1% dessa população tivesse interesse pela prática do basquetebol, ou seja, 3.240 adolescentes, significaria que mais de 29.000 interessados não estariam participando dos campeonatos oficiais.

Na Grande São Paulo existe grande competitividade entre as equipes, devido ao maior número de jogos, além da melhor estrutura e organização dos campeonatos das categorias menores pela federação. Decorrente disso, o nível do basquetebol praticado nesta região é mais elevado. Elaboramos o quadro 1 demonstrando o número de títulos em todos os Campeonatos Estaduais⁵ organizados pela Federação Paulista de Basquetebol (FPB) das equipes do Interior e da Capital em cada uma das categorias de base.

QUADRO 1 – Número de Títulos nos Campeonatos Estaduais

Categorias	Equipes do Interior	Equipes da Capital
Pré-mini	2	2
Mini	7	26
Mirim	8	27
Infantil	5	16
Infanto-Juvenil	8	33
Cadete	3	6
Juvenil	7	35
Adulto	17	7
Total	57	152

Elaboração própria. Fonte: Federação Paulista de Basketball, 1939 a 2002.

⁵ O campeonato Estadual é realizado entre as melhores equipes do Interior e as melhores equipes da capital em cada categoria.

A partir da análise do quadro 1 e de outras leituras relacionadas ao tema, percebemos a existência de várias dificuldades na prática do basquetebol oficial tanto na capital como no interior.

Existem diversos fatores que influenciam na prática da modalidade de forma oficial a serem observados e atacados de forma conjunta. Entre eles: a dificuldade organizacional do esporte brasileiro em todos os níveis, com honrosas exceções, destacando-se neste ponto a falta de planejamento, pois predomina o imediatismo, a descontinuidade das ações, ausência de dados organizados e confiáveis, a dificuldade de transição do amadorismo para o profissionalismo e, em certas ocasiões, a carência na formação de profissionais envolvidos com o esporte.

Os clubes e/ou empresas patrocinadoras do basquetebol não investem suficientemente nas categorias de base. O financiamento da modalidade na capital e no interior é realizado de forma diferente. As equipes da capital como percebemos no quadro 1 conseguem a maioria dos títulos, não por investimentos realizados nestas categorias, mas devido à estrutura e à organização oferecida pelos clubes de elite da cidade de São Paulo como Pinheiros, Espéria, Palmeiras, Corinthians, que possuem maiores recursos quando comparados aos clubes do interior. Entretanto, na categoria adulta, em que há maior necessidade de recursos financeiros devido aos altos custos da modalidade, os clubes Paulistanos não conseguem ou não têm como prioridade manter os mesmos resultados positivos conquistados pelas equipes nas categorias de base. Isso é facilmente comprovado quando reportamos ao último título de uma equipe da capital no Campeonato Paulista adulto que foi conquistado há 16 anos atrás e quando comparamos a quantidade de títulos das equipes da capital com as equipes do interior nesta mesma categoria.

No interior as equipes são formadas por empresas ou mais atualmente por faculdades que financiam o basquetebol e privilegiam a categoria adulta, pois esta possui maior visibilidade e, portanto, maior retorno financeiro (lucro) para os patrocinadores. Desta forma, o desenvolvimento do basquetebol praticado pelas equipes de base, principalmente do interior, é prejudicado, refletindo nos resultados insatisfatórios da seleção masculina brasileira em longo prazo.

Percebemos a partir do estudo de Diniz (2000) a grande quantidade de crianças marginalizadas em relação à prática do esporte oficial. A falta de estrutura e organização das categorias de base no interior e o descrédito dos clubes da capital na categoria adulta trazem

enormes prejuízos para o basquetebol, influenciando diretamente no aumento da dificuldade de acesso a prática da modalidade de forma oficial e conseqüentemente, nos resultados obtidos pela seleção masculina adulta.

Não nos prenderemos a discussão deste tópico relacionado à estrutura e organização da modalidade por não ser a principal questão deste estudo. A bordaremos a seguir os aspectos ligados às questões pedagógicas inseridas no campo do esporte.

CÁPITULO 3

AS CARACTERÍSTICAS DO ESPORTE E O ACESSO A PRÁTICA DA MODALIDADE

O esporte em geral no seu processo de construção sofreu grandes influências das transformações sócio-culturais e absorveu uma série de características da sociedade em que este esteve inserido. A partir do processo de profissionalização do esporte, discutido no capítulo anterior, e seguindo as condições sociais e as interferências do capitalismo, o esporte segundo Proni (1999) sofreu um processo de mercadorização e se transformou em um segmento importantíssimo da economia mundial, principalmente a partir da Guerra Fria. Essas transformações do esporte associadas aos aspectos políticos, culturais e econômicos das diferentes sociedades deveriam ser melhor discutidas, porém, dada à complexidade do tema, faremos apenas um modesto apontamento, pois este não é o foco principal deste trabalho.

Essa característica de espetacularização do esporte influenciou as práticas do basquetebol e conseqüentemente, o acesso a modalidade. Neste contexto, a pedagogia do esporte assume relevante importância, sobretudo, por se tratar de um agente facilitador do processo educacional dos jovens e adolescentes, conseguindo por meio da prática esportiva, ensinar não apenas a simples prática de determinada modalidade, mas diversas disciplinas, comportamentos, valores culturais compreendidos pelo esporte, além de situações reais de vida.

Nos últimos anos houve uma grande evolução da ciência do esporte no mundo, com grandes avanços na preparação física, tática, técnica e psicológica dos atletas e a melhoria nas condições para a prática das modalidades em geral. Entretanto, entendemos que a pedagogia do esporte não tenha alcançado semelhante evolução como a ocorrida em outros campos da ciência do esporte. A sistematização da pedagogia do esporte e de todas as disciplinas inseridas nesta área poderia trazer maiores possibilidades e facilitar o trabalho dos profissionais envolvidos com o esporte.

Partiremos da hipótese de que para iniciar a prática de uma determinada modalidade de forma oficial é preciso um prévio contato através da iniciação esportiva, seja no ambiente formal, como na escola, seja no ambiente não-formal, como nos clubes, escolinhas de esporte, projetos públicos, entre outros. Tentaremos discutir em seguida os aspectos sócio-culturais e pedagógicos antes da entrada destes adolescentes no esporte oficial

3.1 A pedagogia do esporte e a iniciação esportiva

Existem muitos autores que discutem a questão da iniciação esportiva e apontam alguns equívocos na prática esportiva durante esta fase. Neste tópico buscaremos abordar estas questões e expor as dificuldades encontradas e as possíveis intervenções pedagógicas dos profissionais envolvidos com a iniciação.

Rose Jr. (2002) cita alguns equívocos na iniciação esportiva no ambiente escolar, relativos à pedagogia do esporte que influencia na prática da modalidade e no posterior acesso ao esporte oficial: as práticas esportivizadas, a fragmentação de conteúdos, a prática repetitiva de gestos técnicos e a especialização precoce.

Garganta (1997) ressalta que o principal equívoco no processo de ensino aprendizagem dos jogos desportivos coletivos (JDC) é a repetição obsessiva dos gestos técnicos, partindo-se do princípio que a soma de todos os desempenhos individuais e técnicos provocam um apuro qualitativo e que o gesto técnico aprendido de forma analítica possibilita sua utilização nas situações do jogo. Não discutiremos as particularidades destes fatores pois este não é o objetivo desta análise, mas estes são aspectos fundamentais a serem observados por técnicos/professores no processo de ensino/aprendizagem da modalidade e influenciam na dificuldade de acesso a prática esportiva oficial e/ou na sua continuidade.

Ainda existe nos dias de hoje, uma grande confusão entre o esporte-educação e esporte-competição e temos consciência que este é um assunto deveras polêmico, principalmente no ambiente formal. Alguns autores criticam a competição e a situa bem distante da prática educacional. Estes concordam que o esporte utilizado de forma lúdica consegue atingir as necessidades educacionais e sociais das crianças e adolescentes, sem cobranças, obrigações e responsabilidades neste período de desenvolvimento.

Kunz (2001), critica o esporte praticado de forma competitiva no ambiente escolar:

“O esporte de rendimento aqui considerado se refere a um tipo de esporte que é sistematicamente treinado com o objetivo de participar periodicamente em competições esportivas. Sabe-se que sobre esse tipo de esporte já foram ensaiadas inúmeras críticas. Críticas que, por um lado, querem vê-lo menos exigente em relação, especialmente, às crianças e aos jovens que sacrificam demasiadamente sua infância para treiná-lo sistematicamente...” (p. 49).

Respeitamos esses autores que criticam a competição ou a restringem em determinados locais. Entretanto, entendemos que o esporte por ser um fenômeno complexo, aberto e de múltiplas possibilidades, pode ser utilizado para diversos fins. O problema não está no esporte-competição e sim na maneira como este é posto em prática e nos seus objetivos.

A competição exacerbada, em que o principal foco é a vitória, independente do ambiente em que se pratica, reduz todas as várias possibilidades do esporte a um simples objetivo pontual. Mesmo no ambiente não-formal não podemos reproduzir a idéia de que o esportista, principalmente nas categorias de formação, vale exclusivamente de seus resultados, e que todo o seu vínculo com a competição depende de seu sucesso. A competição se utilizada de forma competente, pode ser um excelente meio de educação e formação social, pois nela estão presentes diversas situações/problemas que contrastam com a vida cotidiana. O esporte competitivo necessita de um tratamento pedagógico que permita educar a criança e o adolescente através da prática da modalidade.

Neste momento é que a pedagogia do esporte, através das intervenções do técnico/professor, deve estabelecer uma relação entre o esporte e a educação. Para tanto, este deve utilizar uma proposta pedagógica clara e objetiva para o desenvolvimento múltiplo das suas crianças/atletas em todos os níveis, físico, técnico, psicológico, tático, social, intelectual e cognitivo, e principalmente, estabelecer objetivos possíveis de serem alcançados.

A ação pedagógica envolve não somente aspectos físicos e mecânicos do basquetebol, mas também deve transmitir valores sócio-culturais e projetar desafios que estas crianças e/ou adolescentes irão encontrar durante a sua vida. O técnico/professor deve estimular aspectos como a responsabilidade, cooperação, respeito, disciplina e fazer com que estes criem, através do esporte, uma consciência crítica e reflexiva e, adquiram autonomia para exercerem o seu papel de futuros cidadãos na sociedade.

Montagner (1999, p. 35) cita que:

“O técnico-educador deve ensinar a transmitir os conceitos do esporte de competição não apenas ao atleta presente, mas para o homem futuro, aquele que vai interagir, partilhar e participar da sociedade. Para isto, o esporte não deve ser um fazer simplesmente mecânico, mas ser incorporador de atitudes, um formador integral da personalidade” (...).

A partir da colocação de Montagner (1999) percebemos que cabe ao técnico/professor intervir e esclarecer sobre as várias possibilidades que o esporte, em toda sua magnitude, pode oferecer. Necessita-se potencializar fatores positivos que a competição proporciona dentro de um planejamento pedagógico, ou seja, de um processo de ensino/aprendizagem gradual, respeitando-se as diferenças e dificuldades das crianças e adolescentes.

O esporte oficial necessita ter em seu conteúdo aspectos educacionais sem perder o seu caráter competitivo, ou seja, o técnico deve ter uma proposta pedagógica que consiga unir estes dois fatores.

Baseando-se em Seurin (1984, p.45) abordaremos algumas intervenções que podem ser utilizadas pelos técnicos e professores das categorias de formação do basquetebol oficial. O adversário não deve ser visto como um inimigo, mas sim como um fator necessário para o acontecimento do jogo. A agressividade pode ser canalizada e evoluir para a combatividade, que é a vontade de vencer sem prejudicar o adversário. A equipe e/ou clube deve agir como um fator social e trazer ao adolescente segurança e valorização perante às situações de insucesso. Estes são aspectos que devem estar presentes dentro de um planejamento pedagógico e o técnico/professor deve mostrar estes valores para as crianças e adolescentes.

Existem diversos paradigmas a respeito deste assunto que já estão sendo superados com a evolução da ciência do esporte, porém ainda há certa resistência cultural sobre a competição. A educação e o esporte são elementos inerentes à cultura humana, cabe aos profissionais saber utilizá-los competentemente, de forma a diminuir a distância entre eles.

Montagner (1999) referindo-se ainda à educação e às intervenções dos profissionais envolvidos explica que:

“Somente se acredita na educação, através da prática esportiva de competição, à medida que se prepara a criança e o jovem para serem capazes aos desafios em um universo sócio-cultural em constante mutação. Não se deve doutrinar, mas sim instigar a liberdade de ação, de pensamento, de contestação, baseada em valores de responsabilidade e respeito ao seu semelhante” (p. 95).

Já existem alguns trabalhos que discutem a pedagogia do esporte na iniciação esportiva e na competição. Porém ainda há muitos equívocos, além do distanciamento entre a produção científica em torno da pedagogia do esporte e do campo da prática. O trabalho pedagógico no

esporte deve ser encampado seja no ambiente formal, seja no ambiente não-formal, e os profissionais envolvidos nesta área necessitam estabelecer um tratamento pedagógico no seu campo de atuação.

Existem vários fatores que dificultam o acesso à prática do esporte oficial de crianças e adolescentes, e talvez o principal esteja ligado à iniciação esportiva, seja na educação física, no clube, ou em outro ambiente não-formal. As escolas públicas invariavelmente não oferecem qualidade nas aulas de educação física e conseqüentemente não permitem que seus alunos tenham uma iniciação esportiva qualificada, dificultando o acesso dos mesmos ao esporte oficial.

Percebemos que somente uma pequena quantidade de pessoas possuem acesso à iniciação esportiva qualificada, pois esta é oferecida somente por algumas escolas particulares, e principalmente pelos clubes de elite, que conforme o capítulo 1 sempre foi a principal instituição fomentadora do esporte oficial no Brasil. Isto além de reduzir a quantidade de praticantes do esporte oficial, pode também prejudicar a qualidade do basquetebol praticado, pois muitas crianças e adolescentes com potencial para a modalidade são excluídas pelo processo.

Neste tópico pudemos perceber que existem muitos equívocos na iniciação esportiva que devem ser refletidos e analisados. Concordamos que há uma necessidade de mais profissionais qualificados envolvidos com a iniciação esportiva, e esta ocorrência facilitaria a continuidade do trabalho de técnicos e professores nas categorias de formação. No próximo tópico tentaremos relacionar as dificuldades de acesso ao esporte e a educação e as conseqüências desta prática.

3.2 Dificuldades de acesso: esporte x educação

Neste tópico buscaremos discutir sobre o acesso ao esporte oficial e a sua relação com a educação formal. Como abordamos no capítulo 1 o basquetebol até a metade do século XX era praticado somente pela elite clubística que detinha segundo Bourdieu & Passeron (1975) o poder social e simbólico, e estes mesmos praticantes da modalidade também possuíam o acesso à educação qualificada oferecida pelas escolas de elite. Porém, devido as grandes transformações políticas, sociais e culturais, o esporte também sofreu influências destas transformações e conseqüentemente interferem nos objetivos da sua prática.

Nas décadas de 30, 40 e 50 a prática esportiva do basquetebol nos clubes de elite configurava-se como uma demonstração de poder (social e simbólico) e não havia possibilidade de ascensão social através do basquetebol, era simplesmente uma das formas de diferenciar uma classe social da outra.

Nos dias de hoje a prática esportiva adquiriu diferente conotação em relação às práticas da modalidade no início da sua inserção no Brasil. Devido a estas transformações que o esporte sofreu, principalmente ligadas ao profissionalismo e a mercadorização do esporte, a sua prática tornou-se uma forma de ascensão social e não uma maneira de diferenciar uma classe de outra. O esporte-espetáculo, veiculado em todos os meios de comunicação, incentivou e proporcionou novos objetivos na prática esportiva de forma oficial. O principal objetivo destes praticantes seria tornarem-se atletas profissionais e conseguirem melhorar suas condições sócio-econômicas.

Neste contexto, tentando relacionar o esporte oficial e a educação também nos deparamos com aspectos antagônicos quando comparamos estes dois fatores na atualidade aos anos anteriores. O esporte e a educação até a metade do século eram aspectos na qual somente a elite possuía acesso e, portanto, eram fatores que se integravam como forma de dominação de uma classe sobre outra.

Nos dias de hoje observamos um certo distanciamento entre o esporte oficial e a educação. Talvez devido às exigências que o sistema capitalista impõe, os adolescentes que têm acesso ao esporte, pois tiveram uma boa iniciação esportiva e também possuem acesso à educação, normalmente no momento de escolha estes optam pelos estudos, e pela possibilidade de conseguirem uma outra profissão. Somente aqueles de uma classe social inferior, que não tiveram acesso a uma educação de qualidade, e têm no esporte a chance de elevar-se social e economicamente buscam espaço no esporte oficial. Porém estes na maioria não tiveram acesso a uma iniciação esportiva qualificada, podendo ter prejuízos em sua formação integral e ainda nas suas capacidades gerais para a prática da modalidade.

Estes fatores sociais interferem sobremaneira no acesso e na continuidade da prática do basquetebol oficial. Este é um assunto de difícil análise e existe a necessidade de mais argumentos e, sobretudo, mais pesquisas, mas as primeiras impressões são que o acesso à prática esportiva oficial nas categorias de formação é invariavelmente voltado para a elite, ou seja, para a classe social que possui condição de estudar em escola particular e/ou principalmente de ser

associado de um clube, e passar por uma iniciação esportiva bem sucedida desenvolvendo todos os aspectos.

Existe a necessidade da elaboração de políticas públicas que permitam a reciclagem e a qualificação dos profissionais envolvidos com a iniciação esportiva, além de melhorar a estrutura e organização das escolas públicas para que estas possam oferecer uma Educação Física de qualidade para todas as crianças inseridas nesta instituição. Percebemos através deste estudo que o clube prioritariamente é a instituição que fomenta a prática do esporte, este fato influencia na dificuldade do acesso a prática do basquetebol de forma oficial.

Portanto deve haver um deslocamento gradual das práticas esportivas para a escola, através da Educação Física, principalmente as públicas em que se concentra grande parte da população de classe inferior que não possui oportunidade de iniciar na prática esportiva de forma qualificada, pois a Educação Física praticamente inexistente nesta instituição.

A Educação Física e o esporte escolar deveriam conceder, através das práticas esportivas subsídios para a construção de uma iniciação esportiva, baseando-se em valores educacionais críticos e reflexivos. Também é papel da Educação Física melhorar o repertório motor e a educação corporal para a prática de atividades físicas. Tornar-se ou não atleta profissional, ou apenas participar de um campeonato oficial, são possibilidades e conseqüências de vários fatores, entretanto privar crianças com potenciais físicos e técnicos da prática esportiva seja competitiva ou não, é no mínimo discutível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo buscamos primeiramente contextualizar a origem e a evolução do basquetebol no Brasil, referenciada pela revisão bibliográfica, e relacioná-lo aos aspectos educacionais como elementos culturais produzidos pelo homem.

Em seguida discutimos sobre o processo de transição do amadorismo para o profissionalismo que influenciou nos objetivos da prática do basquetebol oficial de formação e conseqüentemente no acesso a modalidade.

No último capítulo buscamos comparar os objetivos da prática do basquetebol em diferentes períodos históricos e a partir deste contexto relacionarmos a educação tentando problematizar algumas questões ligadas ao acesso ao esporte oficial.

Além dos aspectos indicados anteriormente, existem outros fatores que também dificultaram o acesso destes jovens na prática do basquetebol oficial como: a evolução de outras modalidades que culminou com o deslocamento de possíveis praticantes, o exemplo mais claro é o voleibol, aspectos estruturais e organizacionais e até facilidades e vantagens que muitos clubes da capital possuem em detrimento das equipes do interior também pode ser apontado como fatores para a dificuldade no acesso.

Este trabalho é apenas o início e necessita de mais pesquisas e de mais investigações teóricas, porém assume relevante importância na medida que analisamos os resultados internacionais da seleção masculina de basquetebol na categoria principal e nas categorias de base, e percebemos as dificuldades obtidas pelas mesmas. Há um número restrito de praticantes da modalidade de forma oficial e as dificuldades de acesso sejam por quais quer motivos contribui para esta tendência, podendo influenciar também no futuro do basquetebol masculino brasileiro.

Existe a necessidade de qualificar os profissionais envolvidos com a modalidade, principalmente ligados à iniciação esportiva, e utilizar procedimentos pedagógicos que instiguem as crianças e adolescentes a praticarem a modalidade e desenvolverem suas múltiplas capacidades. Além de melhorar a qualidade dos profissionais, também deve ser estimulada a elaboração de políticas públicas voltadas para as classes sociais inferiores, que permitam o acesso à iniciação esportiva qualificada destes indivíduos em locais públicos como escolas, praças e parques.

**REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS**

BENELI, L. M. **Organização do Basquetebol Masculino Brasileiro: reflexões sobre a trajetória institucional da modalidade a partir dos anos 70**. Campinas, 2002, 81f. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas.

BETTI, M. Cultura Corporal e Cultura Esportiva. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo: v. 7, n. 2, 1993, p. 44.

BOURDIEU, P. O capital social: notas provisórias. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. M. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P. O mercado lingüístico. In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P., PASSERON, J. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1975.

DAIUTO, M. **Basquetebol: origem e evolução**. São Paulo: Iglu, 1991.

DINIZ, A. **O basquetebol paulista: análise crítico-pedagógica sobre sua iniciação**. Campinas, 2001, 153f. Tese (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas.

GARGANTA, J. Para uma teoria dos Jogos Desportivos Coletivos. _____. In: **O ensino dos Jogos Desportivos**. 2 ed. Porto: CEJD, 1997.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: 4ª ed. Editora UNIJUÍ, 2001.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

Fundação Getúlio Vargas. **O Esporte como Indústria: Solução para Criação de Riqueza e Emprego**. São Paulo, 1999.

MARCHI JR., W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 – 2000)**. Campinas, 2001. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas.

MONTAGNER, P. C. **Esporte de competição X educação? : o caso do basquetebol**. Piracicaba, 1993. Dissertação (Mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba.

PAES, R. R. **Aprendizagem e Competição Precoce: o caso do Basquetebol**. Campinas, SP, Editora da UNICAMP, 1992.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas: 35ª ed., Autores associados, 2002.

ROSE JR., D. **Esporte Atividade Física na Infância e na Adolescência**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

SEURIN, P. A competição desportiva e a educação do adolescente. **Artus**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 12/14, p. 44-47, 1984.

SPIEGEL, M. R. **Estatística**. São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1976.

TREVISANI, G. T. **Basquetebol x Patrocinador: discutindo uma relação**. Campinas, 1997, 65f. Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas.

TUBINO, M. J. G. **Repensando o Esporte Brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1988.

TUBINO, M. J. G. In: **Esporte & Jornalismo**. Universidade de São Paulo. Centro de Práticas Esportivas, Escola de Educação Física, Escola de Comunicação e Artes; [orgs.] Pascoal Luiz Tambucci, José Guilmar Mariz de Oliveira, José Coelho Sobrinho. São Paulo: CEPEUSP, 1997.